

Editorial

Esta edição marca o início do décimo ano de publicação da Revista Ambiente Construído. Foi com enorme satisfação que recebemos no início deste ano a notícia da nova classificação da Revista Ambiente Construído no QUALIS, o sistema de avaliação de periódicos da CAPES, do Ministério da Educação. Somos B1 em três áreas (Arquitetura e Urbanismo; Interdisciplinar; e Planejamento Urbano e Regional e Demografia) e B2 em duas outras áreas (Engenharias 1; e Administração, Ciências Contábeis e Turismo). Isto significa que na avaliação trienal dos programas de pós-graduação os nossos artigos valem respectivamente 0,75 e 0,5 de um periódico internacional de alto impacto (A1 no QUALIS). Esta é uma conquista de nossa comunidade, mas devemos ressaltar o papel importante dos membros do Conselho Editorial e do Comitê de Avaliadores da Revista, particularmente aqueles que atuaram como co-editores das edições especiais. Poderíamos destacar a contribuição também da nossa equipe operacional, particularmente da bibliotecária Ana Gabriela Clipes Ferreira, responsável pela implementação do SEER/OJS em 2008, e da Rosa Helena Cunha Vidal, que desde o início do ano passado assumiu o papel de bibliotecária da Revista.

Nesta edição, são publicados onze artigos, os quais estão sucintamente descritos nos parágrafos a seguir.

Os dois primeiros artigos são da área de Conforto Ambiental e Conservação de Energia Marcondes *et al.* apresenta a segunda parte dos resultados de uma pesquisa realizada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, na qual foi realizado um estudo do desempenho térmico dos edifícios do novo centro de pesquisas da Petrobras, CENPES II, no Rio de Janeiro. São descritas as soluções adotadas e apontados os benefícios alcançados tanto em edifícios naturalmente ventilados como naqueles que possuem condicionamento artificial. O artigo de Pereira e Assis, da UFMG, tem por objetivo a identificação de um índice de conforto adaptativo adequado às diferentes condições climáticas existentes no país e que possa ser utilizado nas etapas iniciais de projeto. A principal contribuição do estudo é a seleção de um índice e de uma faixa de conforto com melhor resposta para as diferentes condições climáticas brasileiras.

Os três artigos seguintes são da área de Gestão e Economia da Construção. O artigo de Sheidt *et al.* apresenta uma pesquisa desenvolvida na Universidade Estadual de Londrina (UEL) cujo foco foi a avaliação de projetos de empreendimentos habitacionais de interesse social quanto aos impactos ambientais gerados. Uma das principais contribuições deste estudo foi a proposta de instrumentos para análise de requisitos ambientais no processo de aprovação destes empreendimentos. O artigo de Jacomit e Granja, da UNICAMP, por sua vez, investiga a aplicabilidade da abordagem custeio-meta no desenvolvimento de empreendimentos de construção, sendo também focado no segmento de habitação de interesse social. O estudo desenvolvido propõe adaptar o custeio meta ao contexto de empreendimentos promovidos por companhias habitacionais, concentrando esforços nas atividades mais vantajosas, ou ajustar o contexto de análise de modo a ampliar seus benefícios e minimizar incertezas. No terceiro artigo deste bloco, Hippert, da UFJF, e Naveiro da COPPE-UFRJ, apresentam uma proposta de estrutura para organizar o conhecimento sobre materiais e serviços de construção utilizados por empresas de edificações. A ênfase do trabalho está na elaboração da estrutura segundo a classificação facetada, com o estabelecimento dos termos e conceitos relacionados a essa área do conhecimento.

Os demais artigos desta edição são da área de Tecnologia dos Materiais de Construção, sendo que quatro enfatizam a utilização de resíduos. Schmitz *et al.* apresenta os resultados desenvolvidos pela Universidade de Pernambuco (UPE), cujo objetivo foi estudar o desempenho do resíduo de gesso na produção de novas argamassas. São apresentados resultados de ensaios de dureza superficial, resistência à compressão e de aderência, além da apresentação da técnica de execução do revestimento a partir do aproveitamento do resíduo de gesso. No segundo artigo deste bloco, Isaia *et al.* apresentam resultados de pesquisas realizadas na UFSM, cujo foco foi o emprego da cinza de casca de arroz natural e residual, queimada sem controle de temperatura e sem moagem, de forma a simplificar o seu processamento e ampliar o uso deste resíduo em concretos convencionais. A análise dos resultados revela o potencial de substituição do cimento por este material, na produção de concreto. O artigo seguinte, de Magalhães e Almeida da UNB, também foca a utilização do gesso na construção civil. Descreve-se uma investigação de um aditivo natural para pastas de gesso, a mucilagem de duas espécies de cactos, indicando que estes possuem propriedades aditivas, melhorando a impermeabilidade e resistência à flexão, além de permitir a redução do traço e o prolongamento do tempo de pega das pastas de gesso. O quarto artigo, de Vasconcelos e Akasaki da UNESP – Ilha Solteira, aborda a utilização de dois tipos de resíduos nas estruturas de concreto armado, a cinza da casca de arroz e a borracha de pneu, como substitutos de parte do cimento e dos agregados, respectivamente. Foram realizados ensaios de durabilidade, submetendo o concreto a diversos processos de degradação, indicando que o desempenho em relação a este requisito de desempenho não foi comprometido. No artigo seguinte, Trigo, Conceição e Libório, da Escola de Engenharia de São Carlos da USP analisam o comportamento da zona de interface entre concreto novo e velho após a escarificação do concreto velho e o emprego da técnica de dopagem. Os resultados dos ensaios realizados indicaram que os procedimentos

adotados na ligação entre concreto novo e velho foram eficazes. Finalmente, o artigo de Kirchheim *et al.* apresentam os resultados de uma pesquisa realizada pela UFRGS em conjunto com a Universidade da Califórnia, Berkeley, EUA, relativa ao processo de hidratação cimento, que estudou a hidratação do aluminato tricálcico cúbico e ortorrômbico em presença de gipsita. Os resultados indicaram que existem grandes diferenças na hidratação de cada aluminato, sendo o ortorrômbico mais reativo nas primeiras idades.

Carlos T. Formoso, Professor da UFRGS

Roberto Lamberts, Professor da UFSC

Editores-chefe